

INTERATIVIDADE, INTERAÇÃO E COLABORAÇÃO: DIMENSÕES DO CIBERESPAÇO E DA CIBERCULTURA

Walcéa Barreto Alves; Bianca Sanchez Pimentel; Michelly Regina Vicente Santiago; Daniel Rodrigues Miranda

Universidade Federal Fluminense, walcea@yahoo.com.br; biancasanchez@id.uff.br; michellyregina@id.uff.br; danielmiranda.cfuff@gmail.com

Introdução

Este trabalho tem como objetivo articular questões relacionadas ao contexto do ciberespaço e da cibercultura analisando os conceitos de interatividade, interação e colaboração. Consiste num produto de pesquisa e análise bibliográfica da pesquisa intitulada “Representações sociais, tecnologias digitais e o contemporâneo: investigando a escola”, desenvolvida pelo Núcleo de Estudos Contemporâneos em Educação, Etnografia e Representações Sociais (NECEERS/UFF), cujo objetivo geral é investigar as redes de significação que se configuram mediante as representações sociais circulantes na escola permeadas pelos usos e conceitos relacionados à tecnologia digital no contexto contemporâneo. Neste enquadre, surge a questão: quais são as relações estabelecidas entre o acesso à informação e à comunicação pelas mídias digitais e os processos de ensino-aprendizagem em sala de aula? Com base neste ponto de partida, pretende-se investigar e desenvolver alternativas a partir da compreensão acerca da implicação e participação do aluno nos processos de construção do conhecimento dentro e fora da escola baseado no uso das tecnologias digitais e das redes. Neste sentido, vemos enquanto pungente a importância de se pensar neste processo mediante relações de interação e colaboração, visando questionamentos e vislumbres sobre uma construção coletiva e dialógica no contexto da cibercultura.

Metodologia

Este trabalho foi realizado a partir de análise bibliográfica de cunho qualitativo. Desenvolve proposições teórico-reflexivas elaboradas com base no desenvolvimento de mapas conceituais e discussão realizada pelo NECEERS. A elaboração dos mapas conceituais consiste numa técnica de estudo que tem se configurado como importante instrumento metodológico de estudo e pesquisa (NOVAK e CAÑAS, 2010; OLIVEIRA e MARIA, 2014).

O processo investigativo no campo está sendo desenvolvido mediante pesquisa multimétodos (JOHNSON E ONWUEGBUZIE, 2004), sendo o eixo teórico-metodológico principal a abordagem etnográfica (MATTOS, 2001). A partir desta concepção, priorizamos a voz de alunos e alunas em suas significações sobre a escola, o papel do uso das tecnologias

digitais na contemporaneidade e suas repercussões nos processos de interação e nas práticas educativas, mediante a proposição de análises crítico-reflexivas sobre o uso de ferramentas digitais interativas, seja no ambiente escolar ou no seu dia-a-dia. Como aporte teórico-metodológico, a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003) consiste no referencial para embasar a investigação a respeito dos encontros – e também desencontros – entre o individual e o social na dinâmica do processo educativo. As análises são orientadas pelas dimensões das representações sociais, a atitude, a informação e o campo de representação, empregando-se a metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 2006).

Resultados e discussão

O ciberespaço consiste num grande campo virtual que vem se expandindo cada vez mais. Nele, é possível efetuar pesquisas, fazer *upload*, transferir dados e principalmente utilizá-lo como meio de comunicação e interatividade. “Eu defino ciberespaço como espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.” (LÉVY, 1999, p. 92).

O ciberespaço possibilita grandes avanços quando se fala em interatividade, interação e colaboração. Neste contexto, a cibercultura, segundo Lévy (1999), surge como produto que se enreda nas nossas formas de viver e pensar. Diante destas, como podemos entender a questão da interatividade e de que maneira ela poderia colaborar para novas construções nos espaços educativos formais?

A interatividade, no contexto das contribuições de Lévy (1999), é pensada a partir da interação com conteúdos mediados por um transmissor informativo, como por exemplo, a televisão, onde não há troca mútua, configurando uma interação unilateral - uma interatividade receptiva, passiva. Segundo o autor, a interação pode se dar de várias formas. A partir disto temos uma gama de possibilidades para entender um pouco sobre a complexidade das diferenciações do contexto interativo. A começar pela troca de informações por meio do telefone - uma tecnologia anterior à expansão da internet - onde há uma interação bilateral e as trocas ocorrem em tempo real e integral, organizando e reorganizando o processo comunicativo simultaneamente. Com o avanço da tecnologia, outras formas de interação tornaram-se possíveis dentro das configurações a que se propõe o universo digital.

O correio eletrônico, por exemplo, facilita a comunicação, o envio e o recebimento de mensagens e documentos, otimizando as relações, em especial profissionais e acadêmicas. Este instrumento nos possibilita estar sempre em contato com qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, e tais mensagens podem ser trocadas por meio de textos, áudios, vídeos e

outros meios multimodais, que têm a tendência de se ampliar ainda mais, futuramente. Essas mensagens podem ser enviadas diretamente a uma pessoa, como também podem ser enviadas a um grupo de pessoas previamente selecionadas, facilitando a expansão de um mesmo assunto de forma rápida e prática, tendo um grande alcance.

Mammede-Neves e Duarte contribuem para nossa reflexão sobre o tema quando afirmam que:

A interação e a colaboração são conceitos que se entrelaçam, sendo que o primeiro é a condição sine qua non do segundo. Interação é a ação recíproca de duas ou mais pessoas, é o conjunto das ações e relações entre os membros de um grupo ou entre grupos de uma comunidade; pressupõe diálogo, mas nem sempre resulta em colaboração. Esta, para existir, precisa ultrapassar a própria interação; tem que ser uma atividade compartilhada, em que, nas trocas e influências recíprocas, há sempre o desejo de estar dentro de um espaço interacional, com-partilhando interesses e “olhando” na mesma direção. (2008, p.772).

Diante disto, entendemos que a interatividade proporcionada pelos meios podem promover uma interação entre os indivíduos que o utilizam, mas nem sempre promovem a colaboração, visto que esta depende da intencionalidade dos sujeitos que implementam o processo comunicativo. O nosso foco está em pensarmos alternativas de interatividade ativa e colaborativa.

Analisando o contexto, ainda que haja a sensação de proximidade a partir das conectividades e relações por entre o universo digital, é preciso explicitar o limite que se aplica a essas barreiras “rompidas”, pois apesar de haver avanços, as possibilidades criadas a partir desta nova ferramenta ilustram uma determinada intencionalidade, com veemência, para atender uma demanda específica das classes dominantes. Neste ponto, podemos analisar que a interatividade passiva é mais “produtiva” para um certo grupo hegemônico, no entanto, devemos priorizar práticas de aprendizado “como fundantes de novas relações sociais com o saber, uma comunidade de aprendizes autônomos, dedicados a percursos personalizados, mas praticantes sistemáticos da colaboração.” (PRETTO e PINTO, 2006, p.25).

Levando em conta a amplitude deste debate é preciso ressaltar que a partir destas demandas devemos refletir sobre os elementos que operam o direcionamento dos avanços tecnológicos da era digital e de que maneira a escola estará contribuindo para que seus alunos possam se utilizar dos meios tecnológicos de maneira crítica, no sentido de atuarem com base numa interatividade colaborativa que se volte para o exercício pleno da democracia e da luta pelos direitos de igualdade.

Considerações finais

O ciberespaço permite que pessoas atuem em colaboração ao abrir a possibilidade de se acrescentar conteúdos, realizar comentários e fomentar discussões. Existem inúmeras oportunidades de aprendizado via participação em grupos virtuais, fóruns, e em várias modalidades de entretenimento. No entanto, a dinamicidade da interação e da colaboração ocorre se for viabilizada pelos sujeitos, no sentido do que Lèvy anuncia como inteligência coletiva, voltada para um "ideal de emancipação humana" (LÈVY, 1999, p. 209).

Neste sentido, é preciso levar em conta que um posicionamento não crítico, que se coloca no sentido de sobreposição de ideias, opiniões e "achismos", sem articulação crítico-reflexiva, leva à manipulação e engessamento, impedindo assim avanços significativos e benéficos para uma ampla gama da sociedade.

Diante deste fato, torna-se premente o olhar voltado para a escola enquanto espaço possível de processos educativos que estejam dialogando com a dinamicidade e interconectividade posta pela cibercultura.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- JOHNSON, B. ONWUEGBUZIE, A. Mixed methods research: A research paradigm whose time has come. **Educational Researcher**, 33, 2004, p.14-26. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.3102/0013189X033007014>. Acessado em 11 Maio 2018.
- LÈVY, P. **Cibercultura**. Editora 34, 1999.
- MAMEDE-NEVES, M.A.C. e DUARTE, R. O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 29, n. 104 – Especial, p. 769-789, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0729104.pdf>. Acesso em: 25 maio 2018.
- MATTOS, C. L. G. de. A abordagem etnográfica na investigação científica. **Revista Espaço (INES)**, n. 16, p. 42-59, jul.-dez. 2001.
- MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In: G. Duveen (Org.). **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003. p.29-109.
- NOVAK, J. D.; CAÑAS, A. J. A teoria subjacente aos mapas conceituais e como elaborá-los e usá-los. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 9-29. 2010. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/1298>. Acesso ago/2016.
- OLIVEIRA, R.M.F; MARIA, M.A.O.C. O uso do mapa conceitual nas pesquisas do Núcleo de Etnografia em Educação (NETEDU). **Anais II Congresso Nacional de Educação**. Campina Grande, PB: Editoria Realize, 2014. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA4_ID6756_02102015133231.pdf Acesso em ago/2016.
- PRETTO, N. L. e PINTO, C.C. Tecnologias e novas educações. In **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n.31, jan/abr. 2006. [Online] Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a03v11n31.pdf>. Acesso em 20 ago. 2017.